

## A nossa Editorial

**L**ONGO tem sido o seu silêncio. E uma falta a confessar, pois ainda são numerosos os escritos de Pai Américo dispersos nas páginas d'O GAIATO sob vários títulos e, aí, «inéditos» para quem, ao tempo, não era leitor (vão lá quarenta a cinquenta e dois anos!) e de mais difícil acesso a uma releitura por aqueles que o eram.

Pois na hora em que escrevo, tudo está prestes a retomar a actividade que, espero, não será pontual. Não, ainda, os aludidos textos de Pai Américo, mas trabalhos sobre ele: um, inteiramente novo, procura retratar o homem de oração que ele foi; e agora já, outro sobre o educador, uma edição nova de Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo, há tempo esgotado.

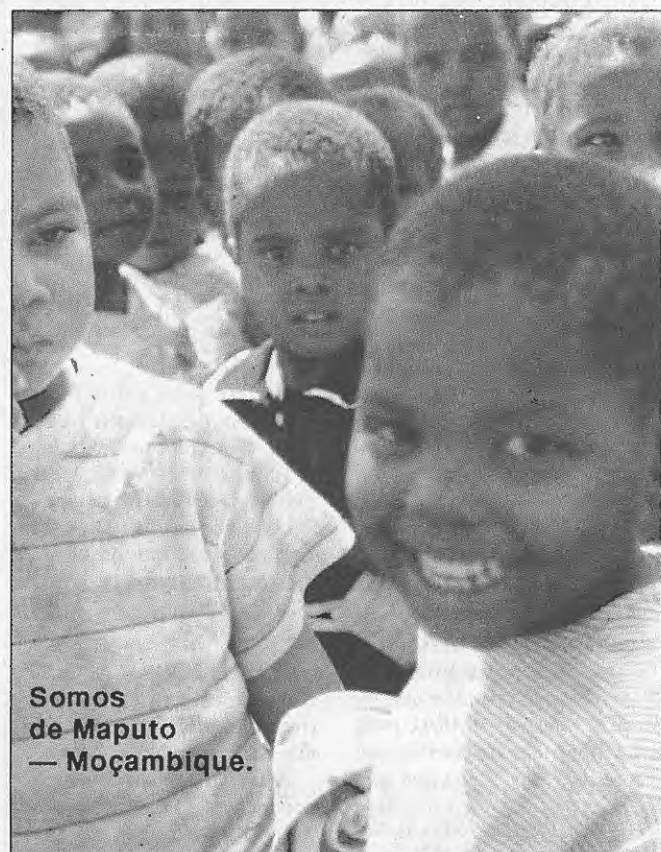
Uma edição nova, disse, e não uma reedição, que vem ocupar o número vinte e três do elenco da nossa Editorial, pois, na verdade, se trata de um livro novo, mais reflectido, mais aprofundado. O manuscrito foi achado há meses no espólio do Professor João Evangelista Loureiro que há dez anos a morte surpreendeu no seu posto de Vice-Reitor da Universidade de Aveiro.

Um dos primeiros em Portugal nas Ciências da Educação, teve em Pai Américo e no seu pensamento pedagógico corporizado nas Casas do Gaiato, a inspiração para os trabalhos finais dos seus graus académicos: Os Subsídios que depois editámos por vontade e oferta sua, na licenciatura; e l'Oeuvre de la Rue, tese de doutoramento na Universidade de Lovaina, que a Livraria do Estado publicou.

Entretanto, quando professor na Universidade de Moçambique, produziu um novo texto que a mesma Universidade deu à estampa e está na base deste que ora se publica e é dos seus últimos trabalhos, se não o último.

Na esteira desta admiração, quente de afecto, que até ao fim teve o Doutor Loureiro preso a Pai Américo e à sua Obra, a Esposa e o Doutor Meireles (zelador da livraria e escritos do Doutor Loureiro, legados à Universidade de Aveiro), correram a nós com a alegria do achado e a expressão da sua vontade de que fosse a Editorial da Casado Gaiato a dá-lo à luz dos prelos. O número dezoito das nossas edições estava vazio... Com esta oferta não

Continua na página 3



Somos  
de Maputo  
— Moçambique.

### PASSO A PASSO

## O Calvário

*Harmonioso conjunto  
de simplicidade e fraternidade*

**T**ERMINADA a Missa dominical, pus nas mãos do Carlos o carro de rodas com o Boavista nele sentado.

— Toma o teu freguês, disse-lhe.

Embora cuidem de todos, entre nós ganha-se o hábito de cada um ter naturalmente uma presença mais permanente junto de algum em particular.

E lá seguiu o Carlos levando pela mão o Boavista no seu carro com o Zé a completar a procissão... Eu fiquei espedaçado a olhar, vendo-os afastar-se. Sem dar por isso, fiquei apanhado pela beleza do quadro. É que, pelos caminhos por onde iam avançando, bordados de aleluias em cachos de neve, vi o Calvário de hoje abrindo as portas para o Paraíso do amanhã. Neste con-

junto de simplicidade e fraternidade harmonioso, dá-se o salto para a desejada Paz cheia de movimento e de vida. Para tal, cada criatura contribui com as suas capacidades e criatividade a desenvolverem-se livre e responsavelmente. E o quadro compõe-se e irradia luz e mostra como o pequenino se faz grande. Tanta beleza, da qual não apetece despegar o olhar... Coisas singelas com que há tanto a aprender.

O mal, neste mundo, é ninguém querer ser pequeno com medo da vergonha do irrisório que isso parece trazer. Troca-se a alegria que enche o coração pela presunção daquilo que não é. Pois se ninguém é verdadeiramente grande, aos seus próprios olhos! Só o olhar dos Outros diferencia a grandeza.

*Assumindo cada um a sua cruz*

Mas para isso é preciso viver o Calvário da vida. Ele se realiza necessa-

riamente em cada homem. Só assumindo cada um a sua cruz, pode descobrir a dimensão real do ser que é. E assim se iluminam e se aceitam gozosamente os limites pessoais, contidos sempre num pequenino mundo que se alarga — unindo os Outros. E até ao Infinito — se unido a Deus. Assim o pequenino, não deixando de o ser, se faz grande.

Quando o homem quiser ser o que é, será feliz. Fará os Outros felizes. Construirá o mundo. Senão, vai-se buscando, milénio após milénio, sem se encontrar. E a vida tão perto. Mesmo dentro dele. Pronta a jorrar para não mais parar. Mas o homem continua cego porque pensa que vê. Lutas sem descanso, trabalhos em vão...

O Carlos, o Boavista e o Zé apontam o caminho; pela simplicidade e pureza de vida.

Padre Júlio



## Festas

### Tojal

- 12 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão da Igreja do S. Coração de Jesus, R. Camilo Castelo Branco (junto ao Marquês), LISBOA.
- 19 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão dos Bombeiros, TORRES VEDRAS.
- 26 de Maio — Domingo, 15.30 h., Auditório da Igreja Paroquial, RIO DE MOURO.
- 2 de Junho — Domingo, 15.30 h., Ginásio do Instituto D. Dinis, ODIVELAS.
- 6 de Junho — Quinta-feira, 21.30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários, FANHÕES.

### Setúbal

- 11 de Maio — Soc. Inst. Musical QUINTA DO ANJO.
- 17 de Maio — Nos Franceses, BARREIRO.
- 18 de Maio — Clube R. Piedense, COVA DA PIEDADE.
- 24 de Maio — SARILHOS GRANDES.
- 25 de Maio — Incrível Almadense, ALMADA.
- 7 de Junho — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.
- 8 de Junho — MOITA.
- 14 de Junho — Sociedade Filarmónica Agrícola, PINHAL NOVO.
- 21 de Junho — ALCOCHETE.
- 22 de Junho — Teatro Luisa Tody, SETÚBAL.
- 29 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

SEMPRE ÀS 21,30 H.

A nossa Festa está aí: Na alegria dos rapazes como a luz do sol que faz dissipar uma nuvem intensa de tristeza que ameaçava abater-se sobre a comunidade, adensando outras que o mundo injusto e incrédulo nos tem criado. A notícia de que fazemos Festa, de novo, encheu de entusiasmo jubiloso o coração dos rapazes e a animação feliz é tão evidente como contagiante.

Continua na página 4



## Conferência de Paço de Sousa

### RENDIMENTO MÍNIMO

— Na medida do possível, procuramos acompanhar o que sai em letra de forma sobre o *Rendimento Mínimo Garantido*, para melhor conhecimento da filosofia e alinheamento do diploma que será concretizado, em algumas regiões. E partimos dum pressuposto: esse benefício não «erradica a pobreza» — como se afirma. Seríamos então um País rico...! Mas aliava alguma Miséria. Isso, sim.

Somos dum tempo com muitas carências. Os necessitados não tinham inclusive Segurança Social. Obviamente, no reino da Miséria, o mais angustiante era não «ver luz no fundo do túnel» — não ter saídas para sobreviver.

Por isso, com todas as pedradas que lhe atirem, e asneiras que possa haver no decorrer do processo, o R.M.G. será uma pequenina tábuca de salvação para quem viva abaixo do mínimo dos mínimos — franjas da sociedade, do País, que sofrem no silêncio, na dor, a exclusão social.

**PARTILHA** — Assinante 14493, da Rua da Boavista, Porto: «Envio a minha contribuição, referente a Abril, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Peço que não agradeçam. A vida está cada vez mais difícil e todos temos que poupar. Basta a referência n' O GAIATO para saber que não se perdeu a minha pequena ajuda. Isso já é muito».

Outra remessa, habitual, do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), «para pagamento duma renda de casa».

Dez mil, do assinante 38731, de Gandra — Gondomar, com uma chamada que nos sensibiliza: «Era, sou um ex-condiscípulo da Escola Mouzinho da Silveira (Porto). Bons tempos!». Um forte abraço.

«Uma assinante de Paço de Arcos» passa por aqui, há muitos anos, frequentemente; hoje, com «a partilha de Março/Abril, saudações fraternas e muita amizade», que retribuimos.

Três mil, da assinante 29884, Avenida de Roma, Lisboa, «oferta tão pequena, dada com muito amor».

Quatro vales de correio, de «uma portuense qualquer», 40.000\$00.

No decorrer da procissão, lembrámos ao Senhor da Vida o assinante 11902 que Deus levou. Por aqui fez também o seu caminho — em direcção ao Fim.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**JARDINS** — Estão bonitos, os que o Neca esteve a fazer. Num «escreveu» *Miranda e, noutro, gaiato*. Esses jardins até se regam sozinhos. Quero dizer: têm regadores automáticos.

De manhã e à tarde os regadores são levantados para cima da terra, e começam a deitar água.

# Pelas CASAS DO GAIATO

**VISITAS** — No dia 27 recebemos um grupo de catequese, de Seia.

Nós e eles estivemos toda a manhã a jogar futebol. Perdemos por 14-15. À tarde ouvimos canções e depois voltámos ao futebol. Deram-nos 30 minutos para jogarmos. Começámos a perder por 1-0, mas chegámos a ganhar por 5-1.

**GADO** — A cabra branca deu à luz dois cabritos castanhos. Nasceram na sexta-feira. A filha da branca está prenha, mas ainda não deu cria.

Uma porca teve 11 leitões. Em que dia é que eu não sei. Entretanto, morreu um no sábado de manhã.

**ANIMAIS** — A mãe dos sete hamsters morreu, mas tivemos sorte: já se conseguem alimentar sozinhos.

Apanhámos mais seis melros pequeninos. O Osório e o João Vicente tratam deles.

**BATATAS** — Semeámos batata na terra do ti Jaime e na terra nova. Está a ficar com um caule grande.

**LAR DE COIMBRA** — O senhor que costumava pôr o pão à nossa porta não tem aparecido. Continuamos a recebê-lo no hipermercado Continente.

«João Pequeno»

## Nota da Redacção

Esclarecemos, dando «o seu a seu dono»: na última edição d' O GAIATO, a crónica de MIRANDA DO CORVO era a do TOJAL.

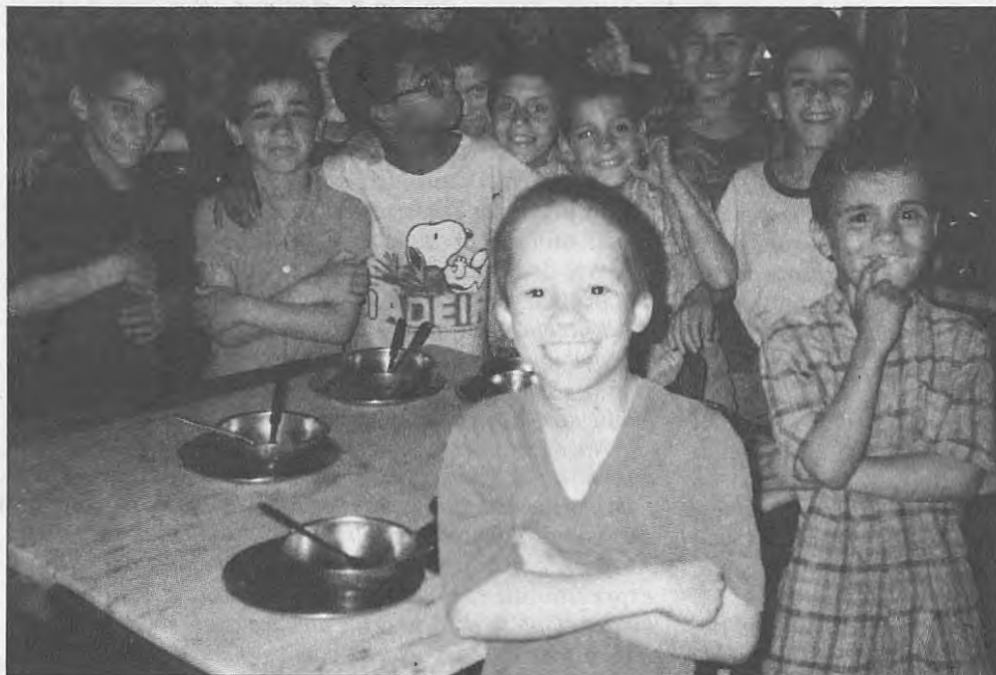
## RETALHOS DE VIDA

## Daniel

O meu nome: *Daniel Peixoto Leite*. Nasci em 15 de Julho de 1985 na freguesia de S. Nicolau, da cidade do Porto.

Eu fui da rua, desde muito pequenino. Andava a pedir. E não tínhamos, às vezes, sítio para dormir. Ficávamos na entrada dos prédios.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, no dia 16 de Agosto de 1991 e fiquei no grupo dos mais pequeninos, na casa-mãe. Agora, já estou numa outra com malta da minha idade.



Alegria no refeitório de Miranda do Corvo

## TOJAL

**FESTAS** — Já iniciámos o período festivo. As primeiras Festas correram bem, apesar de não faltarem nervos entre os nossos rapazes. Mas quem representaria melhor do que eles? Só profissionais.

**JARDINS** — Neles não falta beleza. Trabalho, também não. Continuamos a tratar dos jardins sem parar: uns arrancam erva, outros regam as plantas; e, assim, cada um realiza a sua tarefa e todos contribuem para o bom aspecto da Casa.



Quando vim para cá, o sr. Padre Carlos deu uma volta comigo pela nossa Aldeia, que é tão linda! E, como eu vinha do Porto, gostei de ver a quinta: a horta, as videiras, os bois, a mata — tudo.

Daniel

**CALÇADA** — Estamos agora a tentar transformar os nossos caminhos de terra em ruas calçadas. Assim têm melhor aspecto e, no Inverno, não ficam enlameados.

**ANIMAIS** — Por enquanto não nos faltam leitões. Recentemente nasceram duas ninhadas.

A gansa estava a chocar. Muitos garotos tinham o cuidado possível para disfarçar a alegria de poderem ver animais mais pequenos, em nossa quinta. Mas, infelizmente, acabou por comer os ovos!

Arnaldo Santos

## PAÇO DE SOUSA

**MATA** — Recebeu mais um grande benefício: a plantação de árvores adequadas ao tempo e ao lugar. Além disso, foi beneficiada com mais socos para se evitar que a chuva leve a terra pelo monte abaixo. Está bonita a nossa mata!

**VISITANTES** — Recebemos duas excursões. Espero que continuem a aparecer outras. Ficamos à espera. A nossa porta está aberta.

**CALVÁRIO** — O nosso Padre Júlio todos os domingos leva uma equipa de rapazes ao Calvário para jogarem à bola com os nossos companheiros que estão por lá.

Sofremos uma derrota e houve uma vitória e dois empates.

**CASTIGOS** — Alguns rapazes infringiram a disciplina e saíram à noite para um baila-rico. Por isso foram castigados com uma rapadela.

Os infractores: «Batata-Velha», «Chouriço», Ruben, Adão e «Mimalho».

Esperamos que isto não torne a acontecer.

**CARAS NOVAS** — Um pouco antes da Páscoa recebemos duas caras novas: o Luís de 2 anos e o Pedro de 3 anos.

Nós gostamos muito destes companheiros mais pequeninos.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes



Casamento do Alexandre Alves, que foi de Paço de Sousa, e da Sandra Maria.

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Temos tido problemas graves com os nossos Pobres. No entanto, dentro das possibilidades da Conferência, tentamos minorá-los, mas não lhe pertence procurar descobrir soluções dos grandes problemas que dizem respeito à própria ordem social e que preocupam hoje os espíritos mais eminentes. A sua função consiste na prática da caridade, o que aliás não exclui a investigação dos meios materiais e morais, para tomar mais suportável a condição dos Pobres.

Há um grande sofrimento, inseparável da visita domiciliária aos Pobres: a dificuldade de estabelecer, ainda que de longe, e mesmo de muito longe, a proporção entre as necessidades e o socorro prestado. Existe, contudo, um meio de minorar esse sofrimento: atribuir a essas pobres famílias ao menos uma parte das vossas despesas supérfluas.

Nos povos, introduziram-se modernos hábitos que acabam por ficar dispendiosos. Lamentam-se os inconvenientes que trazem consigo, mas todas as resoluções de moderação tomadas se quebram contra a força deles, considerada irresistível, sobretudo quando a sua origem é antiga.

Unir as nossas modestas esmolas em favor dos necessitados, para que a soma da oferta supra a modicidade de cada uma delas; unir os corações, as orações e as nossas obras para nos amarmos reciprocamente no caminho da virtude pela influência poderosíssima dos bons exemplos — tal constitui, em resumo, todo o segredo e todo o espírito da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

**DONATIVOS** — Assinante 8047, 2.500\$00. Maria Madeira, 10.000\$00. Assinante 35819, 20.612\$00. Francelina, da Amadora, 10.000\$00. Maria Isabel, 10.000\$00. Assinante 7769, 5.000\$00. Martina, 2.000\$00. Assinante 33275, 20.000\$00. J.R.D., 2.000\$00. Maria de Jesus, 15.000\$00. Assinante 4389, 10.000\$00. Assinante 66080, 5.000\$00. Assinante 62545, 5.000\$00. Lixa, 21.000\$00.

Bem hajam.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

## BENGUELA

**VACAS LEITEIRAS** — É caso para dizer: «Aleluia»..., pois já chegaram.

Há mais de três anos que o Padre Manuel estava à espera delas! Houve muitos falsos alarmes durante este período. Que era desta vez, que era daquela... Já não acreditávamos.

Desta, foi verdade. Vieram avisar que já tinham saído do Namibe, de barco, para Benguela; que demoravam uma noite a chegar. Mesmo assim custou a acreditar. Demoraram



# Setúbal

## O nosso menino

**F**ICAMOS sem o nosso menino — o Miguel Angelo. Entendemos agora a força do sacrifício exigido por Deus a Abraão e nunca concretizado: «Imola-Me o teu filho».

Subindo a montanha, acompanhado da criança que gerara na velhice, Abraão sofre dores indescritíveis, ignoradas por todos aqueles que nunca as experimentaram. O sim da vontade e da fé e o não repugnante da sensibilidade travam luta implacável no interior do homem produzindo um horrível sofrimento.

O Miguel enchia a Casa. Era acolhido por todos e a todos os rapazes dava da sua rica e atraente humanidade, expressões compensatórias dum valor incalculável.

## Decisão judicial

O Miguel Angelo é uma criança excepcional que encontrou na Casa do

Gaiato o ambiente propício ao desenvolvimento global de todas as suas potencialidades. Era aqui um menino a quem nada faltava para ser um verdadeiro prodígio. Não entendeu assim a Justiça do Tribunal do Montijo, nem as suas «técnicas». De forma fria e cega, sem conhecimento do que é uma Casa do Gaiato, comparando-nos às tristes instituições de assistência que para aí proliferam e que elas dirigem, governando-se, resolveram sem apelo nem agravo entregar a criança à família que tem uma irmã do Miguel e que com o apoio de todo o aparelho judicial se julgou dona do menino e a nós como uns usurpadores daquele que lhes pertencia.

Sempre que encontro uma criança abandonada a minha primeira preocupação é ver se ela está livre para ser adoptada de acordo com todo o pensamento da Obra da Rua, o meu próprio pensar e as dezenas de escritos postos n'O GAIATO.

## Realidade duma Casa do Gaiato: a família

Hesito trazer para o nosso meio um menino que, amanhã, poderia ser daqui arrancado. Não somos um centro de acolhimento. Não somos. A verdadeira família, com laços de profundo afecto e total doação é a realidade duma Casa do Gaiato. Que ninguém duvide. Que jamais alguém adúltere. Arrisca-se a cometer uma grave injustiça seguida de consequências negativas para a natureza das pessoas.

Os rapazes manifestaram-se — e com razão. Eles foram os principais prejudicados e injusticados. O menino não era, como lhe chamaram, no Tribunal — «o mascote». Era, sim, o seu irmão mais novo. Pelo termo usado verifiquei que o Juiz e o Delegado sabiam tanto o que é uma Casa do Gaiato como eu sei o que se passa na China que nunca vi.

Tememos dolorosamente que o rápido arranque afectivo de que o menino foi vítima se projecte negativamente no seu equilíbrio futuro.

Não fomos vencidos por todo o esmagador aparelho judicial. Cedemos por causa da irmã do Miguel. Ela é que pesou em nossa consciência.

Padre Acílio

## DOCTRINA



Sai; mas fica o lugar.

**V**AI sair mais um pupilo da Casa do Gaiato, ocupar o lugar de escudeiro... em Santar. Este *mais um* quer dizer que outros têm saído com idêntico rumo. Colocam-se na vida e deixam lugar para outros. Não levam guia nas mãos, antes saudades no coração; e deixam saudades! Sabem tocar todas as teclas dos serviços domésticos, que na Casa do Gaiato o trabalho é feito por eles: horta, jardim, gado, lenha, dormitórios — tudo; por isso sabem servir. Nada mais surpreendente do que ver o miúdo ocupado no arranjo da casa, trepar acima de bancos para chegar às coisas, colocar nas jarras as flores que ele próprio vai colher, ajeitando-as consoante o seu gosto e a sua arte! E saber a gente que este garoto, hoje campo aberto a todas as virtudes, é aquele mesmo garoto das ruas, repelente, sujo, refilão, ontem campo aberto a toda a sorte de vícios!

**A**S plantas tropicais não crescem tão depressa como a virtude no seio destes catraios. Aqueles, por causa do sol; estes, por via do amor. Oh ninguém na terra merece ajoelhar aos pés da cama onde dorme e gozar a hora *prima* em minutos vivos e transbordantes! — *Eu sou a Vida*. Sim. Deus vivo, de Abraão, de Isaac, de Jacob; Deus escondido na Humanidade de Cristo — ninguém merece passar trabalhos para salvar inocentes por Vosso amor, ninguém.

**A**mãe do feliz gaiato que se vai embora, veio dizer-me que sim; que o deixa ir para toda a parte: — *Ele é seu filho, padre*. Esta é aquela viúva digna, mãe deste e de mais cinco, que costumava enganar os filhos à noite com um ovo frito em migas de pão, como aqui se anunciou; mas agora não, que a Casa do Gaiato projecta sombra a distância e muitos são os que nela se abrigam.

**T**U, mãe que hoje me escutas, pelo amor zeloso que tens aos filhos, melhor do que ninguém compreendes a dor destas mães. Pois se eu tenho tanta pena de os dar, que fará quem os gerou no ventre e os traz presos no coração! Sempre que topo nas ruas de Coimbra mães com filhos à minha guarda, passo por elas em continência — de respeito, se laboriosas; de compaixão, se prostituídas. A minha missão não é apedrejar; que o faça quem não tiver culpas. Se algumas vezes tenho de ser firme para com estas pobrezitas — *Mulher, respeite o seu filho se quer que ele a respeite* — faço-o mais como quem trata doentes, que não culpadas. Quem sabe? Talvez elas, estas mães desamparadas, enjeitem o companheiro com pena de perder o filho; que se o vício tem poder, bem mais forte é o amor. Oh que se tu bem soubesses da vida que os Pobres levam, serias benevolente em vez de agressivo.

*O. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## A nossa Editorial

Continuação da página 1.

se justificava mais uma simples reedição. Eis como de tantas dedicações nasceu o novo livro, capa concebida pelo nosso Luís Mendes e que se chamará «Um grande educador português do século XX».

Como acontece que no fim de Maio a Universidade de Aveiro vai celebrar o Doutor João Evangelista Loureiro na data em que seria a sua última lição, ei-la: será uma vez mais o Pai Américo — fidelidade numa opção que decerto o Doutor Loureiro perfilharia, se estivesse sensível no meio de quantos lhe vão prestar homenagem.

Padre Carlos

## BENGUELA

### Calor tropical

**O** Júlio Mendes tem razão. Os leitores d'O GAIATO também. As notícias são necessárias. Por isso, agradeço os *fax's* recebidos em boas condições a lembrar-me a obrigação de escrever a tempo e horas.

Primeiro que tudo quero dizer que estamos bem, no meio dum calor tropical intensíssimo. As moscas e mosquitos consomem-nos o juízo. Já falei do paludismo que tem levado muita gente à sepultura, neste período do ano. Raros têm sido os nossos rapazes que escapam a esta doença. Nenhum morreu ainda, graças a Deus. Contudo, tem havido casos

de muita preocupação. Com a chegada do cacimbo, esperamos muito alívio.

### Agricultura

Recomeçaram os trabalhos do campo, com muita força, depois da época das chuvas. É, sobretudo, do campo, que nos vem a pequena ajuda para as despesas monumentais da nossa vida. Precisamos tanto de sementes! Muito brevemente, havemos de conseguir um tractor. São as nossas canas de pesca.

É consolador quando, no meio de ruínas, encontramos sinais de vida. Estou a falar da escola.

Ontem, foi dia de reunião dos pais e encarregados de

educação com a direcção da Escola do II Nível. Temos lá, ao nosso cuidado, à volta de três dezenas de rapazes. Outros andam pelas demais escolas. É gente jovem quem dirige e quer acertar, em situação deveras complicada, como a que nos é dado viver.

### Levar a escola à comunidade

Uma ideia interessante é levar a escola à comunidade. É a dinâmica da escola nova. É preciso pôr a comunidade em diálogo regular com a escola. É o espaço para a solução de muitos dos seus problemas. Os pais e os encarregados de educação são os interlocutores privilegiados. Por eles a escola entra na comunidade. São os primeiros interessados em solucionar os problemas, porque tocam na carne de seus filhos.

Nesta hora concreta, aqui, não pode contar com qualquer apoio... Desde a meia dúzia de lâmpadas para iluminar as salas de aula, até às fechaduras das portas para não serem roubadas as cadeiras e carteiras que ainda restam; desde as janelas para tapar os buracos das paredes ao material mínimo para os professores leccionarem... Se a comunidade não der a mão para resolver estas carências, a degradação levará as poucas estruturas existentes à ruína total. Falo deste assunto porque a direcção da escola mostrou-se muito preocupada e tem esperança de encontrar a ajuda que precisa na comunidade, com os pais e os encarregados de educação à cabeça.

dois dias. Era mesmo verdade... Enfim, chegaram!

Ficámos muito contentes. À noite, correram todos para a vacaria, apreciá-las com os seus próprios olhos.

Chegaram muito cansadas! Os mais pequenos quiseram dar água a uma delas que não conseguia levantar-se. Mas já está a recuperar. Por outro lado, temos pena de não receber o número de cabeças que esperávamos — vinte. Recebemos apenas sete.

Contudo, é um começo. Facilitará o início duma actividade de que ainda não temos prática. Vamos aos poucos, com pouquinhas, aprender a lidar com elas para estarmos preparados quando houver mais.

É tão bonito vê-las pastar no campo, agora coberto de capim, devido à pluviosidade!

Temos mais razão para dizer que valeu a pena a sementeira de «capim guatemala», pensando nelas. O primeiro campo está vicioso e o capim pronto a ser cortado para os animais.

— Quando bebermos do leite daquelas vacas?

É preciso ter paciência. Parece que só depois da primeira cria começarão a dar.

Durante os últimos três anos criámos gado gentio. Está saudável e reproduz-se com rapidez. Temos cerca de 50 vacas adultas. Vitelos, mais de vinte. O nosso Padre Manuel já fala com muita paixão dos seus «batatinhas» da vacaria. Chama-lhe o *berçário*...

Como é bonito ver a vida a crescer, em nosso redor! Vida que gera vida. O mesmo tem acontecido nas pocilgas. O encarregado falará deste assunto, noutra altura.

Agostinho Graciano

### CARRINHA NOVA

Estamos muito contentes com a chegada da nova carrinha. Estávamos à sua espera desde Novembro de 1995, até hoje, 26 de Abril de 1996. Os nossos estudantes já podem viajar mais à vontade, para a escola. Caminhavam apertados no pequeno veículo. Agora, já temos carro que poderá levar todos os estudantes.

Domingos Pedro

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril: 72.075 exemplares.



# Património dos Pobres

## Uma grande volta

**P**ARTIMOS de manhã. A primeira paragem foi em vila do Alto Alentejo, agora muito famosa por seus vinhos. Já há muito que por ali não passávamos e tivemos de procurar. Logo nos apareceu, na rua, uma Irmã religiosa e amavelmente informou: — *É o bairro do Padre Américo*. Dirigimo-nos lá, acompanhados por ela. São vinte e oito casas bem cuidadas no meio de muitas outras.

Logo à entrada, um grupo de mulheres — que ali habitam — recebeu-nos com cara sorridente. Uma delas, das mais antigas, levantou os braços e exclamou triunfante: — *O senhor Padre Américo veio muitas vezes à nossa terra! Parte das habitações foram-lhes vendidas por seiscentos contos e as outras pagam quatrocentos escudos mensais. Boa impressão.*

Seguimos viagem e fomos parar, já longe, em aldeia grande. Batemos à porta do pároco da freguesia que nela abriu e recebeu de braços abertos. «*É raro aparecer aqui um sacerdote!*», disse. E desabafou suas mágoas dos ocupantes das treze moradias. Julgam-se senhores daquilo que não é seu e não dão satisfações a ninguém. Algumas casas desabitadas, mas não entregam a chave. Fomos ver e ficámos desolados com o aspecto de abandono.

Seguimos e parámos na cidade vizinha. Há ali um bairro de muitas habitações construídas com a dedicação do pároco de então. Muitas já foram vendidas aos utentes e as outras não dão problemas.

Novamente à estrada e eis-nos em povoação vizinha. O pároco informou que já há anos todas as moradias foram vendidas aos seus habitantes.

Outra vez a caminho até uma nova vila. Quatro com bom aspecto e jardimzinho na frente. Entrámos pela porta do quintal duma delas. Estava uma velhinha, muito aleijada dum pé há muitos anos. Contou: — *Foi o Padre Américo que deixou dinheiro para estas casas*. Esclarecemos que o Padre Américo não deixou dinheiro porque não o tinha, mas um movimento de corações bons para ajudarem os Pobres a ter um tecto digno. Quis que entrássemos e víssemos todos os compartimentos que nos pareceram habitação de príncipes.

De novo à estrada. Fomos parar longe. À beira dela encontrámos o bairro. São doze moradias. Dialogámos com dois inquilinos. Muito humildes e com vida de pobreza. Não pagam renda, mas fazem os melhoramentos. Vimo-los feitos.

Por fim, fomos parar a outra vila, com sol posto. Falámos com o pároco que já o era quando se construiu aquele bairro. «*Portam-se*



Agglomerado com casas individuais à mistura

*todos bem.*» E contou um episódio: Na entrega dos prédios tinha reservado a chave dum à espera de poder ser para uma família que encontrava muitas vezes, família numerosa, humilde e envergonhada.

Esperou. Num sábado apareceu-lhe um homem, chefe daquele agregado que pedia um tecto. Feliz, entregou-lhe a chave. Logo no dia seguinte, manhã de domingo, o homem, muito triste, veio devolvê-la com o desa-

bafo: — *Falta-nos a mobília, sr. Prior!* Nas Missas desse mesmo domingo expôs a situação daquela gente e um apelo. Houve logo braços que se levantaram — e a mobília e ajuda apareceram.

Acolhemos, mais uma vez, o conselho vicentino de Pai Américo: «*As casas dos Pobres constroem-se no altar*». Nesta convicção, fizemos o resto da caminhada.

Padre Horácio

## TRIBUNA DE COIMBRA

### O doce nome de mãe

**C**HAMAM mãe a todas as nossas senhoras. São os nossos mais pequeninos. Mas sinto a mesma grandeza quando ouço os maiores chamar simplesmente: «*O senhora!*...».

É tão elevado esse apelo que só pode querer balbuciar o doce nome de mãe.

Nem de todos os lábios, obviamente, a mesma certeza e enlevo. Bloqueios irreparáveis e defesas interiores enraizados em gestos de desprezo e abandono nos dias frágeis da infância, podem estar na origem de grandes diques que estancam o conteúdo afectuoso e vital que o doce nome de mãe encerra.

Um dos «*Gêmeos*», o mais nervoso e vibrátil, tem andado mais bulhento que nunca. Nem a escola escapa à voragem!

Impossível! A sua transparência de alma tem sido o fio forte que nos tem segurado e unido. Temo que quebre, pois uma paciência exigente, de toda a hora, balança.

Quis saber da diferença... Não a adivinhasse eu! «*A minha mãe prometeu que nos vinha cá ver e nunca mais apareceu.*»

Pior, é que a promessa se tem repetido sem cumprimento. Eu, às vezes, não sei que seria melhor... Mas as mães são todas belas e únicas. O Povo diz melhor: «*Nem que fosse uma silva... é mãe!*»

Compreendi melhor os seus gestos rápidos e o seu olhar permanentemente tenso; o seu coração pronto a descarregar a qualquer momento uma energia de revolta, capaz de partir vidros, virar mesas e esmagar impiedosamente tudo o que aparecer pela frente.

Fico desconcertado e aflito. Não tenho remédio que o cure. Grito também a minha inocência que ele, obviamente, não compreende. Porém, o temor de o perder num horizonte de revolta, sem recuo, é algo que me aflige e inquieta. Ergo novamente os braços e espero confiante.

*Não confundir o bem-estar da sociedade apenas com desenvolvimento económico*

Mas, em todo o caso, quanto empobrecimento! Quanta riqueza desperdiçada e mal-amada! Filhos privados do amor materno e mães privadas desta relação fecunda. Todos perdemos. Está em causa a maior de todas as causas: o homem.

Culpas todos nós temos. Que cada um as assuma a seu nível. O que não se deve confundir é o bem-estar da sociedade apenas com desenvolvimento económico, sem nele projectar, sobranceiro, o rosto do homem.

Se não se oferecer ao homem espaço que o capacite a encontrar-se bem consigo mesmo e com aqueles que o rodeiam, o aspecto da tristeza e do vazio tenderá a aumentar, mesmo que

milhões e milhões atapetem de formosura os nossos caminhos.

Tocaremos sempre, o essencial no momento em que tudo começa, decisivamente: sentir-se amado, respeitado e querido. Isso tem a ver fundamentalmente com a família. O meu «*Gêmeo*» di-lo melhor: «*Estou à espera da minha mãe!*».

Padre João

## Festas

Continuação da página 1

A Festa esteve enguiçada este ano!

O desânimo e a indisponibilidade do Octávio iam-nos criando uma quase incapacidade de levarmos por diante uma actividade anualmente importante para toda a grande família de dentro e de fora!

Parar um ano poderia ser o fim desta ditosa acção. A inércia tem sempre mais força do que a criatividade. A vocação criadora que poderá desabrochar em tantos deles arriscar-se-ia a morrer e, em poucos anos, tornar-se impensável produzir uma Festa. Mesmo com pouca saúde e extenuados, resolvemos reagir e os ensaios explodiram com toda a força.

Neste Ano Internacional da Erradicação da Pobreza o tema é: «*a nossa pobreza é a nossa riqueza*» — sábia e sintética expressão do Padre Américo.

Padre Acílio



## Cantinho das senhoras

### É maravilhoso ser mãe aos 57 anos

Estou em Malanje e, de facto, sou mãe de 150 rapazes que Deus me deu de um momento para o outro. A mim, que nunca tive filhos durante 35 anos, o Senhor m'os deu aos 57.

Não é fácil ser mãe pela primeira vez e ter logo 150.

O Senhor é maravilhoso e faz maravilhas em todos nós.

Esta mãe tem um dente com pivó e, desde que estou em Malanje, já caiu quatro vezes. Quando cai, é uma irmã dentista que m'o põe. Mas, desta vez, caiu e não ficava no sítio, tive que o tirar e meter no bolso.

Um filho gaiato entrou na enfermaria quando estava a fazer os curativos, olhou para mim, sorriu e disse: — *A mãe é mais bonita sem o dente!* Gostei. E disse mais: — *Fica-lhe bem essa falha. É mais bonita.*

Apesar da guerra, eles, estes filhos que Deus me deu, também sabem dizer coisas bonitas!

M. Céu

*As senhoras que doam suas vidas às Casas do Gaiato, suprem carências de afecto da maior parte dos nossos «Bata-tinhas» — os mais pequeninos.*